

## Discursos que nos arrumam: análises do *reality show* de transformação corporal “Arruma meu marido”

Fabiano Eloy Atílio Batista

Doutorando em Economia Doméstica/Universidade Federal de Viçosa

[fabiano\\_jfmg@hotmail.com](mailto:fabiano_jfmg@hotmail.com)

### **Resumo**

O presente artigo propõe uma análise do *reality show* de transformação corporal da mídia televisiva brasileira “Arruma meu Marido”, do programa *Hora do Faro* da Rede Record de Televisão. Busca-se identificar como seus discursos afetam a construção da corporalidade dos sujeitos na contemporaneidade, reverberando na dinâmica de interação social dos sujeitos. Dessa forma, buscamos, com este artigo, responder às seguintes questões: Quais discursos recaem sobre a corporalidade dos participantes do quadro? Como esses discursos estão associados a valores presentes em nossa cultura? Na discussão dessas questões, confirma-se que o corpo não é natural, mas socialmente construído no contexto da cultura, a partir de discursos e práticas regulatórias que formatam o indivíduo, habilitando-o ou desabilitando-o para as interações sociais.

**Palavras-chave:** mídia; Reality Show; identidade; corporalidade.

### **Abstract**

The present article proposes an analysis of the reality show of corporal transformation of the Brazilian television media “Arruma meu Marido”, of the program *Hora do Faro*, of the Record Television Network. It seeks to identify how their discourses affect the construction of the corporality of the subjects in the contemporaneity, reverberating in the dynamic of social interaction of the subjects. Thus, we seek, with this article, to answer the following

questions: Which discourses fall on the corporality of the participants in the picture? How are these discourses associated with values present in our culture? In the discussion of these questions, it is confirmed that the body is not natural, but socially constructed in the context of culture, from the discourses and regulatory practices that shape the individual, enabling or disabling it for social interactions.

**Keywords:** media; Reality Show, identity; corporality.

## Introdução

A corporalidade na sociedade contemporânea afeta significativamente a dinâmica social de interação entre os sujeitos. A idealização corporal divulgada pelo setor midiático e pelo comércio da corpolatria<sup>1</sup> promove mudanças na percepção corporal dos sujeitos, o que interfere na aceitação de si e do outro, impactando nas suas identidades e interações sociais.

A mídia se envolve ativamente na construção do mundo social. Ao levar as imagens e as informações para indivíduos situados nos mais distantes contextos, a mídia modela e influencia o curso dos acontecimentos, cria acontecimentos que poderiam não ter existido em sua ausência (Thompson 2009: 106).

Diante da supremacia das imagens idealizadas, aqueles que não se inserem no modelo hegemônico de beleza são estigmatizados e sofrem com a exclusão. Para inserir o sujeito nos valores hegemônicos, a indústria da beleza e a mídia oferecem uma diversidade de mecanismos, sendo um deles o quadro *"Arruma meu Marido"*, uma das atrações do programa de auditório *Hora do Faro*, apresentado por Rodrigo Faro, exibido semanalmente aos domingos às 15:30 horas na Rede Record, que tem como pressuposto a "transformação" do participante inscrito.

O quadro 'Arruma meu Marido' possui uma grande penetração na esfera da vida privada, tornando-a pública. Ao contrário da exposição da vida privada das celebridades (utilizado em vários tipos de *realities shows* e quadros televisivos), o quadro evidencia a vida de indivíduos comuns. São homens, trabalhadores, de classe média, casados, com filhos e que vivem uma vida simples.

---

1 Refere-se aos produtos de beleza, cosméticos, revistas, academias, moda, produtos fitness, clínicas estéticas e afins.

A proposta do quadro é que a família entregue a pessoa “estragada” para ser “arrumada” (como diz o próprio nome do quadro), pois no quadro ela é vista como uma mercadoria, para que possa ser inserida novamente na sociedade. Após um apelo de seus familiares, os inscritos selecionados para participar do quadro passam por uma análise por pessoas populares, mediante a exibição de sua foto nas ruas. Essas pessoas irão destacar as características menos atrativas de sua imagem, de acordo com a percepção estética de cada um (aparência física, idade e afins) e que serão de fundamental valia para legitimar a necessidade de mudança do participante no quadro.

Após a transformação, a imagem da pessoa transformada é novamente levada às ruas, mostrando o antes e o depois, para que a população possa apreciar a diferença na corporalidade, comprovando que a estética dos participantes do *reality* não estava de acordo com o padrão de beleza “aceitável” pela sociedade, o que contribui para legitimar e popularizar os ideais de beleza vigentes.

A partir da corporalidade primeiramente rejeitada e posteriormente aceita, indicada pela família e legitimada pelo apresentador e pela população anônima das ruas, o quadro fornece indícios para compreender como a corporalidade desses sujeitos interfere em suas vidas pessoais e em seus relacionamentos.

Para garantir a eficácia do programa, com seus apelos e discursos, ele conta com uma equipe habilitada para fazer a “transformação” do participante, que envolve cabeleireiros, dentistas, esteticistas, estilistas e outros profissionais do ramo da corpolatria, responsáveis por fazer a transformação corporal.

A força dos discursos do apresentador e profissionais responsáveis pela transformação é reiterada pelos familiares que, durante todo o programa, apontam os motivos que os levaram a fazer a inscrição do participante, com um forte apelo emotivo, deixando evidente que a corporalidade “inadequada” dos participantes atrapalha a dinâmica familiar e social e é causadora de sofrimentos.

O programa deixa evidente que diversos signos corpóreos (flacidez, sedentarismo, gordura, falta dos dentes, cabelos grandes e “mal cuidados”, dentre outros) simbolizam uma indisciplina ou até mesmo um descaso com o corpo (Goldenberg 2011), sendo os indivíduos culpabilizados pelo “fracasso” com o seu corpo. Em função dos mecanismos que possibilitam a classificação dos indivíduos de acordo com sua forma física, a aparência torna-se um ‘valor’ imprescindível para o reconhecimento do indivíduo dentro de um contexto social e familiar.

Dessa forma, buscamos com este artigo responder às seguintes questões: Quais discursos recaem sobre a corporalidade dos participantes do quadro? Como esses discursos

estão associados a valores presentes em nossa cultura? O objetivo é mostrar que o corpo não é natural, mas socialmente construído no contexto da cultura, a partir de discursos e práticas regulatórias que formatam o indivíduo, habilitando-o ou desabilitando-o para as interações sociais.

A escolha do quadro "Arruma meu Marido" se deu, dentre outros fatores, por ser o único da televisão aberta brasileira a ter um recorte de gênero no qual o homem é o personagem principal do processo de transformação. Nesse sentido, buscou-se produzir uma pesquisa que ampliasse as discussões sobre o corpo masculino inserindo-o em programas nos quais, culturalmente, colocam-se as mulheres como alvos prioritários da indústria da beleza e da boa forma.

Assim, ao nos referirmos sobre homens e mulheres, devemos, de antemão, compreender que os discursos empregados na construção de suas corporalidades são historicamente e culturalmente diferentes; sendo a corporalidade feminina, em muitas culturas, condicionada ao controle, colocada como "sexo frágil", e demonstrando, categoricamente, a hierarquização entre os gêneros e os espaços aos quais os corpos habitavam (sendo o corpo masculino – magro, branco, jovem e viril, mais valorizado). Portanto, compreender que cada cultura e sociedade intervêm sobre o corpo, denominando-o e construindo suas particularidades e seus atributos em detrimento a outros corpos, é importante para que possamos refletir sobre como foram criados os padrões que serviram como referências para que os sujeitos se construíssem enquanto mulheres e homens.

Dessa forma, a pesquisa trata de uma análise dos enunciados e das imagens produzidas pelo quadro da mídia televisiva "*Arruma meu Marido*", atendo-se às imagens e aos discursos inerentes ao corpo, que promovem exclusão e inclusão social dos participantes.

A pesquisa se caracteriza como descritiva, de natureza qualitativa, que trabalha os dados buscando os seus significados (Triviños 1987). A coleta de dados se deu mediante o método documental, que consiste no trabalho com documentos de diferentes formatos que fornecem subsídios analíticos e se compõe de registro de um determinado grupo (Oliveira 2007). Na pesquisa em questão, os documentos foram compostos por 3 vídeos relativos ao quadro "*Arruma meu Marido*", com duração média de 45 minutos cada, produzidos e veiculados a partir do ano de 2010.

Os dados foram analisados mediante a perspectiva da análise de discurso fílmico (Penafria 2009), bem como dos princípios da *Poética* (Gomes 2004), que propõem descobrir, compreender e apresentar os sentidos e significados presentes nos discursos,

nas imagens, nos sujeitos e afins, propondo, dessa forma, uma interpretação minuciosa do fenômeno estético em questão. Essa perspectiva considera os discursos como produtores de “verdades” que constroem e reconstróem os sujeitos, em função dos julgamentos sociais que ele aciona. As análises foram subsidiadas também por referências teóricas sobre corporalidade, cultura, identidade e mídia.

### **Exclusão e inclusão social pela corporalidade**

A apresentação do quadro é carregada de significados que são de suma relevância para a compreensão dos ditames relativos à corporalidade dos participantes. Nesse processo, padrões e contratos sociais pré-estabelecidos são colocados à prova e revelam os modelos corporais veiculados em nossa cultura, que priorizam “[...] o destaque e a busca por um corpo “perfeito, saudável e jovem” (Trinca 2008: 3).

Antes da apresentação do participante, o apresentador Rodrigo Faro profere um discurso sobre o que esperar do quadro “*Arruma meu Marido*”, apresentando o quadro como uma solução para todos os problemas concernentes à corporalidade “inadequada” dos participantes, conforme analisaremos nos excertos a seguir:

Aquela boca cheia de dentes que um dia sorriu para a senhora no altar, que disse com aquela cara de galã, sim, hoje mais parece um galinheiro abandonado, não tem mais nada, está um buraco na boca, cabelo torto. Então, minha senhora, não perca tempo, chame o “Arruma meu Marido” minha senhora (Rodrigo Faro, P1, 2013).

O príncipe que virou sapo tem espaço garantido aqui no *Melhor do Brasil*. Tem, tem sim, minha senhora! Aquela boca cheia de dentes, que um dia sorriu para senhora no altar e disse assim, sim, né? Hoje aquela boca mais parece um galinheiro abandonado, né? Mas mesmo assim, a senhora ainda ama este homem com todos os defeitos? Então prepara-se, porque está no ar ‘Arruma meu Marido’ (Rodrigo Faro, P2, 2016).

Essa bola afundada no sofá minha amiga, lembrem-se, né, lembra daquele tempo, daquele gato que ouviu o seu sim no altar um dia, agora olha para ele e me diga o que a senhora vê? Um dinossauro? Um apetite e um ronco de mastodonte? Aquele cara que numa só virada na cama leva toda coberta, deixa a senhora com frio na madrugada, mas mesmo assim a senhora ama esse tiranossauro rex. Bom, se a senhora ainda acha que tem salvação, que dá para melhorar, o jeito é sair gritando: Arruma o meu marido! (Rodrigo Faro, P3, 2011).

Nos discursos, é repetidamente utilizado o uso de metáforas, hipérboles e expressões populares, proporcionando uma aproximação entre os telespectadores e o que quer se comunicar, utilizando-se de uma linguagem informal, entretanto, bastante depreciativa. Durante os discursos que envolvem o quadro, se observa o uso de palavras fortes e altamente depreciativas, tais como *“galinheiro abandonado”*, referindo-se a um lugar desocupado, sujo de fezes e com forte odor. O abandonado reporta ao vazio deixado pela falta de dentes. Outro trecho que nos chama a atenção é o *“bola afundada no sofá”*, que reporta a uma pessoa gorda, flácida, depondo dessa forma contra a corporalidade dos participantes e apontando sua forma física como algo ruim.

Ainda, no discurso de apresentação do quadro, são proferidas diversas palavras que depreciam a imagem dos participantes, notadamente sua corporalidade, demonstrando como alguns signos corpóreos e atitudes são abomináveis em nossa cultura: *“cabelo torto”* [cabelo desarrumado, descuidado]; *“Aquele cara que numa só virada na cama leva toda coberta”* [gordo, folgado e espaçoso], *“deixa a senhora com frio na madrugada”* [anti cavalheirismo].

O apresentador utiliza palavras opostas, com ênfase nas mudanças corporais negativas dos participantes no decorrer do tempo, tomando como referência a ocasião do casamento e a atualidade: *“O príncipe que virou sapo”* (P2), *“daquele gato que ouviu o seu sim no altar um dia [...] o que a senhora vê?”* (P3). As expressões enfatizam um processo decadente no tempo, que traz consigo coisas ruins, desagradáveis, que causam certa estranheza e abominação por parte de algumas pessoas, estigmatizando os sujeitos em decorrência de sua aparência e descuido. É proferido sempre um apelo para as questões amorosas e conjugais, demonstrando que mesmo se tudo estiver ruim, ainda há uma solução para a reconstituição dos vínculos afetivos: o *“Arruma meu Marido”*.

Os indícios de que o quadro é posto como um mecanismo de reinserção social dos indivíduos, que se encontram com a aparência corporal em desacordo com o esperado pela sociedade, é evidenciado nos excertos a seguir: *“[...] mas mesmo assim a senhora ainda ama este homem com todos os defeitos”* [se ainda há amor, a esposa deve inscrever o marido, pautando na harmonia entre o casal] (P2); *“[...] mas mesmo assim a senhora ama esse tiranossauro rex. Bom, se a senhora ainda acha que tem salvação, que dá para melhorar, o jeito é sair gritando: ‘Arruma o meu marido’”* [se ainda há esperança, se ainda, apesar da aparência desarmoniosa, a esposa ama o marido e quer continuar com ele, deve inscrevê-lo no quadro para que os vínculos familiares e afetivos possam ser reestruturados] (P3).

O quadro demonstra que os vínculos de sociabilidade dos participantes inscritos se encontram fragilizados em decorrência de suas aparências físicas. Suas esposas,

filhos e amigos enfatizam que não se sentem confortáveis em estar com uma pessoa cuja corporalidade não condiz com o esperado socialmente, privando-os, em muitos casos, do convívio familiar e social.

**Rodrigo Faro:** Está ruim?

**Rosana:** Ah, total.

**Rodrigo Faro:** Tudo?

**Rosana:** Tudo.

**Rodrigo Faro:** Tem que ser uma repaginada geral?

**Rosana:** Tudo, só não o coração dele, porque de resto tem que mudar tudo.

**Rodrigo Faro:** Então para o dentro não precisa mexer nada, só na casca?

**Rosana:** Só na casca (P2, 2016).

**Rodrigo Faro:** E a gente está recebendo também, olha o papai do Pucuthuco<sup>2</sup>, Senhor Carlos, Dona Elisa [Mãe], olha o Lucas [filho], até a tia, o Cristiano, o Boaz, todo mundo está aí, o Alex, os amigos. Dona Elisa, eu quero falar com a senhora Dona Elisa, ele sempre foi assim? Por que o filho está meio acabadão, não está Dona Elisa?

**Dona Elisa:** Ah, estava horrível, precisava de um tratamento urgente

[a mãe fala no passado, pois a transformação já está ocorrendo] (P3, 2011).

Nas falas supracitadas, observa-se que a corporalidade dos participantes é um ponto de insatisfação apontado por seus familiares. Diante disso, há fortes apelos para uma mudança geral, pois a forma física em que o participante se encontra, de certa forma, atrapalha a dinâmica da vida social e familiar.

A esposa pede para que seja realizada uma “repaginada” geral, mantendo, contudo, a essência de seu marido, pois, apesar de sua aparência física, a esposa demonstra que ele é um marido com ótimas qualidades e um bom coração, motivo pelo qual a continuidade do casamento vale a pena. Assim, é solicitado que seja “mexido” somente na casca, referindo-se a seu corpo, aos signos que se encontram em desarmonia com os padrões vigentes de beleza (P2).

No programa P3, observa-se o emprego da palavra “acabadão”, que deriva da

2 Apellido do participante dado por seus familiares.

palavra acabado, associada, geralmente, a coisas e pessoas, velhas, gastas, abatidas, sendo empregada socialmente de forma negativa; se refere a algo que não se encontra com suas formas originais, que, por algum motivo, tais como processos decorrentes do tempo, acidentes, doenças e afins, modificam sua forma de se apresentar em sociedade. Deste modo, observa-se que “os códigos culturais estão inscritos no corpo, que, por sua vez, sinalizam o conjunto de regras, normas e valores do grupo, fornecendo uma via de acesso à estrutura social” (Fernandes 2004: 53), podendo exercer uma forma de inclusão ou exclusão dos sujeitos que não se adequam às normas de conduta socialmente impostas.

Observa-se que o quadro faz um duplo movimento: um que intensifica a feiura e exclui o feio, e outro que “arruma” o participante e o insere na sociedade. Pela arrumação que proporciona, o quadro é posto como um mecanismo de benfeitoria à sociedade, que proporciona elevação da autoestima e reestruturação de vínculos sociais. Dessa forma, o quadro se apresenta como uma espécie de ação assistencialista, mediante a qual as pessoas são ajudadas e reinseridas na sociedade.

Os participantes são apresentados pela estética do grotesco, enfatizando uma espetacularização de seus corpos, equiparados ao que acontecia nas atrações circenses da Idade Média (Vigarello 2012), em que pessoas com aparências distintas das demais (anões, deficientes físicos, anomalias genéticas, entre outros) eram atração, ainda que fosse outra a forma de espetacularização dos corpos, provocando nos espectadores reações que iam de risos ao choro, garantindo a espetacularização e o divertimento às custas do sofrimento de outros.

Tratados como “marionetes”, os participantes do quadro são covardemente humilhados e ofendidos em decorrência de sua corporalidade. Seus “defeitos” são potencializados por meio de efeitos especiais que desvirtuam sua imagem, provocando risadas do público e elevação da audiência.

O programa P1 se dá em torno do personagem Carlos, da cidade de Águas de Lindóia-SP, casado com Paula, e apresentado como Mago. O motivo de seu apelido fica evidente pela fala do apresentador Rodrigo Faro, carregada de estereótipos que estigmatizam o participante, *“esse cara parece que ele saiu de um livro de bruxarias, pessoal”*. Compará-lo a um bruxo ou mago é uma forma de reforçar aos telespectadores que a corporalidade dele não condiz com a que é socialmente aceitável, que causa medo e repulsa, fazendo uma analogia a personagens de filmes de terror, como evidencia o excerto: *“você de casa que curte um bom filme de horror, gosta de um terrorzinho, vai se deliciar”*. Por fim, ele enfatiza que ter uma determinada forma física e/ou aparência pode ser motivo de medo ou comédia: *“não precisa ficar com medo também porque aqui no ‘Arruma meu Marido’ a*

*risada é garantida, né”.*

Para se assemelhar ao mago/bruxo, Carlos se apresenta trajando uma roupa preta, um chapéu de ponta afinada, botas pretas na altura do joelho e segura uma espécie de cajado. Seu rosto é quase imperceptível, escondido atrás de uma longa barba e bigodes grisalhos que cobrem a sua boca e face. Ele possui longos cabelos grisalhos, dentes estragados e manchados, como mostra a figura 01.



**Figura 01:** Participante Carlos.

**Fonte:** Print do quadro ‘Arruma meu Marido’, Rede Record de Televisão, 2013.

No programa P2, o personagem chama-se Jovelino, conhecido entre seus familiares como Neno, é paulistano, trabalha no Instituto Butantan e é casado com Rosana. Durante a apresentação do participante, Rodrigo Faro enfatiza algumas características apontando-as como “[...] *uma viagem pelos sons, pelas cores, e pela beleza da pele negra*” (P2). Além disso, o apresentador relacionava o participante a fatos e acontecimentos históricos, especificamente da década de 1970, como mostra o excerto:

O ‘Arruma meu Marido’ desse sábado está com um balanço todo especial, quer ver só? DJ, som na caixa. E quem tem mais de trinta anos vai se lembrar dos Embalos da *Chic Show*, quem não tem vai saber que o *rapper* e o *hip hop* nasceram dali [...] (Rodrigo Faro, P2, 2016).

Jovelino é um dos poucos personagens negros que são “arrumados” no quadro. Parece que ele é selecionado para suprir uma demanda mercadológica de inclusão, demonstrando que os corpos negros também devem se render aos ditames de beleza

vigentes em nossa sociedade, mesmo que isso modifique sua identidade racial, fato que ocorre com o corte do cabelo *black Power*, por exemplo. Jovelino se apresenta trajando uma espécie de túnica com o brasão do time de futebol Corinthians, uma blusa na cor rosa abaixo desta túnica, uma calça na cor bege de modelagem larga e sapatos na cor marrom. O traje de Jovelino, a partir das análises elaboradas, possui muita informação e é usado de forma “errada” e em contexto “errado”, pois o mesmo se utiliza desta vestimenta para ir ao trabalho, o que se mostra incomum, uma vez que se apresenta, no programa, outros funcionários do Instituto Butantan trajando uniformes. Demonstra-se, assim, que existem roupas específicas para cada ocasião, e isso, ao longo do quadro, será informado pelos “peritos” (Giddens 1991) da moda.

Seu rosto apresenta uma barba baixa e grisalha, dentes danificados e com falhas, e cabelo com estilo *black power*, muito usado pelos negros nos anos 1970, e atualmente usado como forte símbolo cultural e de resistência. O participante se encontra, de acordo com o programa, com uma aparência de desleixo, conforme mostra a figura 02.



**Figura 02:** Participante Jovelino.

**Fonte:** Print do quadro ‘Arruma meu Marido’, Rede Record de Televisão, 2016.

No programa P3, o participante Jailton é conhecido como Cabelo, em decorrência dos longos cabelos que usava. Jailton é paulistano, casado com Telma. Por ele ser dono de uma oficina mecânica chamada ‘Cabelos Car’, é apresentado por Rodrigo Faro como um “apaixonado por motores [...] se ele pudesse ter uma piscina de óleo diesel na casa”.

Jailton se apresentou trajando uma camisa social xadrez, de manga comprida, nas cores azul, amarelo e rosa. Em sua apresentação, os *closes* de sua imagem são fechados, focando o rosto e ocultando o restante de sua vestimenta. Ele possui uma espécie de

barbicha e um bigode com pelos ralos, cabelos longos na altura do ombro, também ralos, e com entrada para calvície. Sua pele apresenta sinais de manchas e pequenos sulcos decorrentes de inflamações cutâneas (espinhas). Seus dentes encontram-se desalinhados e com falhas. Por ele ser um mecânico, é enfatizada a sua mão, com foco nas unhas sujas de graxa, conforme mostra a figura 03.



**Figura 03:** Participante Jailton.

**Fonte:** Print do quadro 'Arruma meu Marido', Rede Record de Televisão, 2011.

O modo de apresentação dos participantes evidencia, como enfatizado pela antropóloga Mary Douglas (1976), que a “desordem” e a “sujeira” são algo que nos causa repulsa. Na perspectiva da autora, a cultura nos condiciona a observar as coisas e a categorizá-las dentro da ótica da “limpeza”, da “pureza”, do “tudo organizado e limpo”.

Desse modo, a ordem condiciona nossos costumes a relacionar a impureza e a sujeira ao perigo. A ordem está pautada na organização, onde todas as coisas estejam alocadas em harmonia. Tudo o que está a nossa volta, desde coisas a pessoas, deve estar limpo de quaisquer “contaminações”. Assim, tentamos eliminar todos os aspectos que se encontram em desarmonia. Douglas (1976) aponta que qualquer coisa fora do lugar se caracteriza como uma ameaça, e assim as avaliamos como desagradáveis e as “varremos”, pois são um perigo em potência. Na visão da autora, a ordem leva as pessoas a organizarem o mundo e suas relações com aqueles com quem convivem. Deste modo, o quadro “*Arruma meu Marido*” elimina todos os signos corpóreos que se encontram em desarmonia com o esperado pela sociedade e possibilita estruturar uma “nova” pessoa, pautada na limpeza, na pureza e na ordem.

**O antes da transformação e as possibilidades de melhorias**

Durante todo o quadro “*Arruma meu Marido*”, é enfatizado que ser “bonito” funciona como um mecanismo de atratividade nas relações diárias, sendo que as pessoas que detêm melhores atributos físicos possuem maiores chances de serem bem sucedidas, e que as pessoas que não se enquadram nos padrões estéticos estabelecidos pela sociedade não usufruem das mesmas oportunidades. Assim, beleza e atratividade andam lado a lado, mas não se trata de qualquer beleza, mas da beleza hegemônica, veiculada pela mídia através das celebridades atuantes em novelas, programas, revistas e afins. Esse padrão muitas vezes é alcançado somente mediante intervenções da tecnologia fotográfica e computadorizada, do tipo Photoshop. Desta maneira:

Os indivíduos, além de serem levados a ver o mundo com as lentes do espetáculo, são incentivados a se tornar um de seus participantes pela imitação do estilo de vida dos personagens da moda. A imitação, contudo, não pode ir longe. A maioria nem pode ostentar as riquezas, o poder político, os dotes artísticos ou a formação intelectual dos famosos, nem tampouco fazer parte da rede de influências que os mantém na mídia. Resta, então, se contentar em imitar o que eles têm de acessível a qualquer um, a aparência corporal. (Costa 2004: 230).

Nesse sentido, o quadro “*Arruma meu Marido*” busca intervir na aparência física dos participantes, de forma que venha a ajudar e a contribuir para que a corporalidade deles seja reformulada e facilite no relacionamento com sua esposa, seus familiares, filhos e amigos. A corporalidade “adequada” contribui no desempenho sexual e afetivo do casal, fornecendo a esses sujeitos uma reinserção no contexto social e no mercado das trocas simbólicas, pois “[...] o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída [...]” (Le Breton 2009: 10).

Os diálogos apresentados no quadro evidenciam que, após a modificação dos maridos, reestrutura-se sua performatividade dentro do contexto social e das trocas afetivas. Os apelos vinculam a beleza e a atratividade sexual entre o casal, com a possibilidade de se ter mais filhos e até a probabilidade da esposa ter que concorrer com antigas namoradas. Assim, as estratégias discursivas do quadro televisivo em análise corroboram as ideias de Butler (2008) de que os corpos na contemporaneidade das sociedades ocidentais são performativos, associados à ideia de sucesso. “Ato, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e

sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (Butler 2008: 164).

Na relação de complementaridade entre beleza e sexualidade, os homens que detêm certos atributos físicos e possuem “boa aparência” estão mais propensos à virilidade, possuindo melhores chances em suas conquistas, como podemos observar nas seguintes falas: *“Agora Paula, me ocorreu que se ele [marido] voltar bonito pode ser que aquelas outras namoradas, as três, voltem atrás dele”* (Rodrigo Faro, P1). O excerto evidencia que antes, quando o participante era considerado “feio”, ninguém se importava com ele, mas, com sua nova aparência, o marido se torna mais atrativo, mais viril, mais galanteador e conquistador. Diante da pergunta, a esposa responde: *“Eu vou estar preparada”* (P1). Semelhantemente, no Programa 2 o apresentador pergunta: *“Se ele [marido] ficar bonito você não vai ficar com ciúmes?”*, evidenciando que após a transformação o marido será mais cortejado e terá maiores oportunidades de galanteio. *“Claro que eu vou!”*, responde a esposa. Semelhantemente, no Programa 3, após a transformação a esposa menciona: *“A nossa relação, a gente briga muito, como todo casal, mas a gente tem muito amor um pelo outro, e a gente tem uma família, estamos querendo ter um filho agora”*. O apresentador completa: *“E [com o marido] arrumado vai ficar mais fácil, ele gato, imagina?”* A esposa responde: *“Vai dar mais gosto, tomara que venham gêmeos, e bem parecido com ele, né?”*. Os excertos evidenciam que a beleza está ligada à atração sexual e ao desejo. Além disso, a esposa deseja que os filhos se pareçam com o pai, que está mais “bonito” após a transformação, demonstrando como beleza é um elemento primordial na relação, além do desejo de que a beleza se perpetue nas novas gerações.

No decorrer do quadro, os participantes inscritos são tratados como uma mercadoria, como uma máquina com defeitos que necessita ser “reparada”, “consertada” e “reformulada”. Sem expor suas vontades, os participantes são tratados como “fantoques” humanos, dispostos a se adequarem ao que os outros acreditam que ampliaria sua beleza e atratividade. Conforme Trinca (2008: 3), “[...] nossa sociedade tanto cultua o corpo como não cessa de desprezá-lo, comercializá-lo e coisificá-lo. O corpo reina e padece diariamente”, como evidenciam os excertos.

Nesses diálogos, observamos explicitamente frases que corroboram tal metáfora, que apontam para o quão cruel é a realidade: *“Você não se sente lesada, porque afinal de contas isso é propaganda enganosa, você se apaixonou por uma cara bonito, sertanejo, e o que virou o seu marido, ficou daquele jeito, mostra aí como é que ficou o marido dela gente, olha aí, você não se sente lesada não? É um produto estragado. O produto estragou com um tempo, né? Estragou”* (Apresentador, P1). Nesse excerto, o casamento é posto enquanto uma propaganda enganosa, pois no anúncio o “produto” era bom e depois se tornou

ruim. Há um questionamento de se a esposa não se sente lesada, se não vai procurar seus direitos enquanto consumidora, pois ela adquiriu um produto estragado, ou à época com prazo de vencimento próximo, pois estragou drasticamente com o tempo.

Observamos nesses excertos elementos que indicam que o decorrer do tempo faz mal às pessoas, que o processo de envelhecer é ruim:

**Rodrigo Faro:** Comprou enganado ou não?

**Rosana:** Mais ou menos, ele era um pouquinho, sabe, largadinho, mas do jeito que está não era não.

**Rodrigo Faro:** Não era tão grave?

**Rosana:** Não era, agora está desesperador (P2, 2016).

Nessa fala, observa-se que a esposa, ao adquirir o “produto”, olhou e estava certa de que era o que queria. Contudo, ao chegar em casa observou que estava com defeitos que à primeira vista não eram visíveis; mas, olhando com mais atenção, percebeu que estava enganada, que os defeitos eram desesperadores. Assim, percebemos que o programa leva o participante e os telespectadores a acreditarem que os processos decorrentes do tempo afetam a corporalidade desses sujeitos, deixando-os desagradáveis aos olhos dos demais.

Outro aspecto evidenciado no quadro é que o corpo é fragmentado para ser arrumado em suas partes: cabelos, dentes, unhas e face. São apontados os “pedaços” nos quais se vê a “sujeira” que, de certo modo, causa repulsa. Por isso a sujeira deve ser eliminada e a ordem restituída. Essas partes “danificadas” levam os participantes e expectadores a entenderem que, “estão, reconhecidamente, fora de lugar, [e constituem] uma ameaça à boa ordem, e assim, considerados desagradáveis e varridos vigorosamente” (Douglas 1976: 194). Assim, essa fragmentação pode ser vista “como pedaços indesejáveis [...]”. Este é o estágio em que são perigosos; sua semi-identidade ainda se adere e a clareza da cena na qual se intrometeram é prejudicada pela sua presença” (idem 1976: 194). A figura 04 mostra o corpo apresentado em suas partes indesejáveis, confirmando o que deve ser “arrumado”, “reorganizado”, ou, como sugerido por Douglas, “varrido”, pois se tratam de pedaços desagradáveis de serem mostrados em nossa sociedade.



**Figura 04:** Fragmentação do corpo.

**Fonte:** Print do quadro 'Arruma meu Marido' (P1), Rede Record de Televisão, 2013.

Além da fragmentação visual, o apresentador Rodrigo Faro profere um discurso que antecipa tal apresentação. Nesse discurso, observam-se elementos que depreciam a imagem dos participantes, como no seguinte comentário proferido pelo apresentador: “Vamos recapitular, vamos fazer aquele **famoso tape feijoada, aquele feito em pedaços, as partes** [...] dá uma olhada, olha lá, olha só o sorriso de baixo, o sorriso visto por baixo, nariz, olha a lateral, o bigodinho. Aquela janelinha é legal para beijar ou é esquisito?” (P3, grifos nossos).

No excerto grifado acima, observa-se que o próprio apresentador faz uma fragmentação do corpo dos participantes, comparando-os aos pedaços de carne de porco (suíno) utilizados para o preparo da feijoada, colocados como “tape” [close, aproximação de imagem], estigmatizando, potencializando e evidenciando as partes do corpo que se encontram em dissonância com o esperado e valorizado culturalmente.

### **O novo homem após a transformação**

Após um forte apelo emotivo dos familiares e o participante sofrer diversos tipos de intervenções em sua aparência, é chegada a hora de revelar para a família a “nova pessoa” após o processo de transformação. Um grande mistério envolve esse momento de revelação, em que um verdadeiro espetáculo coloca em prova tudo que foi dito no decorrer do programa. Após muito suspense, abre-se o telão e eis que surge o “novo” marido, quase irreconhecível. A todo o momento, o apresentador coloca em destaque o antes e o depois, destacando que tudo será diferente após a mudança. Somente após a transformação o

participante alcança a tão sonhada e almejada inclusão social.

O adeus ao “antes” e a celebração do “depois” é a base do quadro “*Arruma meu Marido*”. Através de inúmeras intervenções, na pele, nos dentes, no cabelo, na barba, os participantes adquirem uma nova feição. Aprendem também a se portarem e a se vestirem de forma muito diferente da condição em que eram apresentados no início do quadro. Dessa forma, o programa funciona como uma verdadeira pedagogia cultural (Sabat 2001), que ensina como ser aceito e parecer belo, seguro, confiante e bem sucedido em nossa sociedade.

A família enfatiza nessa hora que tudo será melhor dali por diante, a esposa beija seu marido como uma verdadeira cena de cinema, os filhos e amigos o abraçam e todos desabam a chorar, o que demonstra que a aparência ilegítima era o grande problema dentro da dinâmica social, conforme podemos observar nos seguintes excertos:

**Rodrigo Faro:** Não é possível, não é possível, o cara está parecendo galã. Mata mais a saudades, pode dar um abraço, dá um abraço mais longo, eles estão muito tempo, eles estão muito tempo sem se ver. Carlão, tem mais duas mulheres que estão querendo te abraçar. Vem cá meninas, vem cá Maísa, vem cá Marina, está aqui, olha, o paizão novo em folha, olha como está bonito, olha lá! Vem cá gente, até eu... vem cá Maísa, fica desse lado aqui. Vem cá Carlão, fica aqui do meu lado. Isso, gente até eu estou assustado de te ver cara. Ele ficou bonito ou não ficou galera?

**Plateia:** Ficooou.

**Rodrigo Faro:** Paula, o que você diz do teu marido agora?

**Paula:** Está muito melhor.

**Rodrigo Faro:** Está bonito?

**Paula:** Está muito bonito (P1).

**Rodrigo Faro:** Pois é. Vem cá Neno, vem cá Rosana, porque eu quero mostrar, eu quero mostrar para você que está em casa. Olha a mudança, olha como era o Neno e como ele ficou. Mostra aí, olha isso, olha isso, olha a mudança, gente. Oh Rosana, olha o sorriso! Rosana, melhorou ou não melhorou?

**Rosana:** Cem por cento (P2).

**Rodrigo Faro:** Mas o Melhor do Brasil arrumou o teu marido, o que seu coração está dizendo?

**Telma:** Ah, meu coração está ansioso para ver, para dar um abraço, um

beijo, eu sei que vai melhorar muito para a gente essa autoestima, ele estava precisando disso, não só eu, mas eu vendo ele feliz, eu fico feliz também.

**Rodrigo Faro:** Vai ter beijão?

**Telma:** Vai ter beijão, vai ter beijão (P3).

As falas evidenciam as transformações positivas, ocorridas nos participantes, enfatizando como os novos discursos referentes à corporalidade, quando os corpos adquirem um valor e uma aceitação perante a sociedade e seu círculo de convívio. O participante é transformado de pedaços de porco, de partes de uma feijoada, de um sujeito fragmentado e fracassado para um sujeito por inteiro. Passa-se também de um mastodonte e sapão para um galã, com possibilidades de um futuro promissor.

Observa-se que, após a transformação, os participantes, que antes eram criticados por suas esposas, familiares e pessoas na rua, agora são venerados como pessoas dignas de aceitação social. O programa permite que o participante passe da pessoa da qual se tem nojo, ao beijar uma boca sem dentes, semelhante a um galinheiro abandonado, do asco de se alisar uma pele áspera, ao deleite do beijo cinematográfico e do abraço apertado. Após a transformação, os participantes passam de preteridos a desejados, tornando-se aptos a receberem as mais variadas formas de afeto e carinho, que antes lhes eram negligenciados.

O programa possibilita que se passe de sujeito acabado, velho, gasto, abatido; ao “novo” sujeito, novo marido, novo pai, com novas possibilidades de existência e reestruturação dos laços afetivos e conjugais, que resultam na melhora significativa na autoestima de ambos, proporcionando a tão sonhada felicidade, ou reforçando a tão famosa frase “felizes para sempre” (P3). Assim, observa-se que a “nova” pessoa, com sua “nova” corporalidade, a partir de uma série de cuidados, tratamentos e controles do comportamento, da conduta, da atitude corporal, das práticas de limpeza, etiqueta e beleza, recebe novos padrões de comportamento, que, ao serem vinculados na mídia, fornecem um passo a passo de como encontrar a felicidade, melhorar a autoestima, reestruturar os vínculos sociais e afetivos, apontando os culpados por essa desestruturação e fornecendo diversos mecanismos para correção e reinserção dos sujeitos na sociedade.

### **Considerações finais**

A intenção deste trabalho foi propor reflexões sobre as ações da mídia televisiva na (re)construção da corporalidade dos sujeitos na contemporaneidade, desvelando como

ela afeta a dinâmica de interação dos sujeitos em todas as esferas da vida: pessoal, sexual, familiar e profissional. A mídia, em especial a televisiva, é, em grande parte, a responsável pela informação passada para a sociedade brasileira, de modo que ela se torna modeladora de condutas e pensamentos. Suas programações são estrategicamente formuladas para este fim.

Os *realities shows* de transformação corporal difundem ideias massificadas e modos de lidar com o corpo. Programas como esses constituem mecanismos que legitimam os padrões corporais de beleza e contribuem para a criação de um fantasioso imaginário no qual a felicidade só será alcançada mediante a adequação aos ditames fornecidos pelo comércio da corpolatria, reiterado pela mídia.

Entretanto, observa-se que ao longo dos programas ora analisados não se leva em conta, ou é pouco explorada, a fala dos participantes da transformação. Eles são, em linhas gerais, tratados como marionetes, dispostos a serem manipulados por outrem nesse processo de reformulação de sua corporalidade. Recebem de forma passiva as críticas ora imputadas sobre seus corpos, reafirmando, por meio de uma discursividade, que eles realmente estavam “errados” e inadequados corporalmente face as demandas impostas culturalmente dos padrões de beleza. Assim, a adequação ou não a esses padrões contribui para que haja a inclusão ou a exclusão dos sujeitos na vida em sociedade. Para isso, os sujeitos moldam suas identidades mediante o que é exposto pela mídia, que fornece as referências para se encontrar o caminho da felicidade.

Enquanto sugestões de estudos futuros, deixamos registrada a necessidade de verificação, a partir de um estudo comparativo, de como as discursividades são constituídas a partir dos gêneros dos protagonistas que participam desses programas, ou seja, estabelecer, a partir das narrativas, como as construções de masculinidades e feminilidades são constituídas e veiculadas em programas de reality show de transformação corporal, bem como compreender como estas construções estabelecem ou não visões sobre o que é ser homem ou mulher em nossa sociedade.

## Referências

- BUTLER, Judith. 2008. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- COSTA, Jurandir Freire. 2004. *O Vestígio e a Aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- DOUGLAS, Mary. 1976. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva.

- FERNANDES, Rita de Cassia. 2004. *Significados da ginástica para mulheres praticantes em academia: corpo, saúde e envelhecimento*. Dissertação de Mestrado. PPG Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.
- GIDDENS, Anthony. 1991. *As consequências da Modernidade*. 2.ed. São Paulo: UNESP.
- GOLDENBERG, Mirian. 2011. “Gênero, ‘o Corpo’ e ‘Imitação Prestigiosa’ na Cultura Brasileira”. In: *Saúde soc.* [online], 20(3): 543-553. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902011000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000300002). Acessado em 08/08/2016.
- GOMES, Wilson. 2004. “Princípios de poética (com ênfase na poética do cinema)”. In: M. Pereira; R. Gomes & V. Figueiredo (org.), *Comunicação, representação e práticas sociais*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora PUC.
- LE BRETON, David. 2009. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- OLIVEIRA, Alfredo Almeida Pina de. 2007. *Análise documental do processo de capacitação dos multiplicadores do projeto “Nossas crianças: Janelas de oportunidades” no município de São Paulo à luz da Promoção da Saúde*. Dissertação de Mestrado. PPG Enfermagem em Saúde Coletiva, Universidade de São Paulo.
- PENAFRIA, Manuela. 2009. “Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s)”. In: *VI Congresso SOPCOM*, Lisboa. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acessado em: 30/01/2017.
- SABAT, Ruth. 2001. “Pedagogia cultural, gênero e sexualidade”. *Revista Estudos Feministas*, 9(1): 4-21. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf>. Acessado em 25/10/2017
- THOMPSON, John B. 2009. *Mídia e modernidade*. São Paulo: Vozes.
- TRINCA, Tatiane Pacanaro. 2008. *O corpo-imagem na “cultura do consumo”: uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado*. Dissertação de Mestrado. PPGCS, Universidade Estadual Paulista.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. 1987. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- VIGARELLO, Georges. 2012. *As metamorfoses do gordo - história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao século XX*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Recebido em 17 de novembro de 2018.

Aceito em 10 de julho de 2021.